

CAPÍTULO 3 – Teatro e Vida – ressonâncias e diagnósticos

3.1 – Impactos do teatro no grupo

Sabemos que na infância é estabelecida uma integração natural com outros indivíduos da mesma faixa etária na escola – o que persiste durante toda a vida escolar. Na adolescência, além desse cotidiano escolar, geralmente os indivíduos se encontram em outros grupos, de acordo com suas preferências. Na vida adulta, o ambiente profissional acaba sendo um espaço de maior interação e troca com outros indivíduos. Já na terceira idade, o movimento de integração com outros pares é uma barreira a ser transpassada.

Com a aposentadoria (afastamento da “vida útil”), com a falta de paciência de outros com a realidade e com as necessidades particulares da velhice, com o peso dos preconceitos e estereótipos (pela sociedade e pela própria família) e com outros indícios de segregação social, o idoso muitas vezes se vê à parte do todo, se relacionando com poucos à sua volta, participando de uma vida social limitada e condenado a viver seus anos em uma espera, encerrado à vida doméstica – muitas vezes com algumas funções de auxílio à família.

Laura Machado afirma que “compreender o envelhecimento é necessário, pois significa entender a singularidade de cada etapa da vida, a unicidade de cada momento e, um dia, a finitude da existência.”¹ Esta é uma consciência que, paulatinamente, vem sendo construída, reconhecendo o grande valor da velhice – tanto por parte dos idosos como por outros indivíduos de nosso meio social, de idades variadas. Machado, ainda discorrendo sobre a necessidade da aceitação da identidade, afirma que “assumir essa nova etapa da vida significa consentir que a idade se apresente na pele, no rosto, nos cabelos e nos movimentos, não como uma condenação, mas como resultado de histórias, sentimentos, lágrimas, frustrações, conquistas, trocas, conselhos, amores, parcerias, filhos, netos.”²

A terceira idade reúne cada vez mais um número considerável de idosos que têm a chance de praticar uma vida mais saudável e criativa em projetos como o Grupo Renascer, com uma vasta gama de atividades voltadas para este público. Estes idosos, em contato com a própria realidade, encontram uma oportunidade de se reinventarem, de seguirem novos rumos, juntamente a pessoas que fazem parte da mesma realidade e têm muitos pontos em

¹ MACHADO, Laura Mello. *Talento não tem idade: construindo juntos uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: Interior Produções Ltda, 2010, p. 49.

² Idem, p. 52.

comum na vida – a relação com o tempo, com a história, com a experiência, com os “moldes” e paradigmas, etc.

No Grupo Teatro Renascer, o contato dos idosos com o teatro incita manifestações artísticas que contribuem para o seu bem-estar, além de se dar com a colaboração coletiva para a criação de algo especial, no exercício diário, na apreensão dos recursos cênicos a serem utilizados, na apreciação estética do que é apresentado e na compreensão e/ou resolução de dificuldades vivenciadas pelos alunos.

Neste capítulo, os alunos do projeto se manifestam através de relatos que mostram a importância do teatro para a vida deles e quais são os efeitos, impactos e melhorias conquistadas com essa prática artística. Além dos alunos já conhecidos aqui nos exemplos dados ao longo da pesquisa, neste capítulo preencho com mais vozes e mais relatos, de outros “personagens” do Grupo Teatro Renascer.

Ao longo do período em que faço parte da equipe do Grupo Teatro Renascer e através de conversas que tive com alguns alunos, percebi muitos relatos de gratidão, ressaltando sempre a importância do teatro na reconstrução de uma sociabilidade, na afirmação da identidade e melhoria de vida e bem-estar.

Ecléa Bosi, no livro *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*, afirma que numa entrevista “Narrador e ouvinte irão participar de uma aventura comum e provarão, no final, um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte, pelo que aprendeu; o narrador, pelo justo orgulho de ter um passado tão digno de rememorar quanto o das pessoas ditas importantes.”³ Procurei extrair desses diálogos assuntos que me ajudariam a verificar os caminhos das minhas questões, enquanto pesquisador.

Para recolher estes depoimentos, anotei perguntas que poderiam me auxiliar na conversa com os alunos, como indica Bosi: “Antes do encontro com o depoente, convém recolher o máximo de informações sobre o assunto em pauta para formular questões que o estimulem a responder”⁴. Assim, a conversa passa a ser conduzida de forma mais natural e se pode extrair depoimentos menos superficiais que numa entrevista que vai direto ao ponto. Nas entrelinhas, nas respirações, nas associações das ideias é que também se encontram boas respostas.

Bosi comenta que “Depoimentos colhidos, por mais ricos que sejam, não podem tomar o lugar de uma teoria totalizante”.⁵ Todas as falas que foram gravadas e reunidas mostram

³ BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 61.

⁴ Idem, p. 59.

⁵ Idem, p. 49.

apontamentos que ajudam a guiar a orientação geral da pesquisa – sendo esta o resultado dos métodos que foram utilizados por mim, através das minhas percepções, de meus questionamentos, dos meus estudos sobre o assunto, diálogos com profissionais e estudantes e também através de minha experiência pessoal – enfim, da junção de diversas informações.

José Luiz Ribeiro lista alguns dos múltiplos benefícios para o idoso participante de um grupo teatral, ressaltando a importância desse encontro. Tais benefícios serão exemplificados aqui por falas de alunos do Grupo Teatro Renascer, ratificando a abrangência de acréscimos à vida desses participantes do projeto.

Ribeiro afirma que o primeiro deles é “a restauração de envolvimento num rito social dentro de uma cultura cada vez mais tecnológica e distanciadora do contato humano.”⁶ Este encontro de identidades reforça laços e ajuda na construção das relações sociais daqueles sujeitos. Os participantes do grupo se reúnem por terem em comum o desejo de fazer e aprender teatro e também por estabelecerem contatos diretos e afetivos com outros participantes. *Quente* afirma que as pessoas “se agrupam no lugar onde o sentimento as chama”.⁷ Quando todos estão juntos, formam uma comunidade que, para existir, depende de cada um deles, com todas as suas semelhanças e diferenças.

Sheila, aluna do Grupo Teatro Renascer desde o primeiro ano, ao comentar o cotidiano do grupo e como se sente incluída nele, afirma: “A gente evolui a mente, com alívio, pra não ter estresse, pra não se aborrecer. Se sente feliz porque chega aquele dia e todos nós estamos ali. E naquele momento em que a gente se encontra ali a gente não pensa em nada, só pensa em alegria.”⁸

Ribeiro, ao refletir sobre a formação de um grupo de teatro na terceira idade, observa que quanto mais tecnologia no mundo distanciando a relação humana direta, mais necessidade de se fazer magia. O autor afirma que “o teatro fornece o círculo mágico onde o ser se reestrutura numa ligação cosmogônica.”⁹ Essa magia vem de uma unidade alcançada a partir das relações entre os participantes, da possibilidade de criar o instante, do comprometimento com o trabalho desenvolvido, da sensação de estar fazendo e trocando algo com o outro.

Gratidão, ao observar essa energia formada num grupo teatral, afirma: “Tudo é muito precioso: o espaço, a energia – tudo o que gira naquela atmosfera é uma coisa muito... você

⁶ RIBEIRO, José Luiz. *O teatro na terceira idade*. FLORENTINO, Adilson e TELLES, Narciso. (Orgs.) *Cartografias do Ensino do Teatro*. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 141.

⁷ Em depoimento pessoal ao autor. 9 de novembro de 2011.

⁸ Em depoimento pessoal ao autor. 29 de agosto de 2012.

⁹ RIBEIRO, José Luiz. *O teatro na terceira idade*. FLORENTINO, Adilson e TELLES, Narciso. (Orgs.) *Cartografias do Ensino do Teatro*. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 141.

tem que estar preparada naquela atmosfera do teatro. É uma coisa mágica.”¹⁰ Corroborando com essa fala, *Quente* ainda observa que a energia estabelecida nesse encontro com o teatro vai além da presença do corpo atuante: “O teatro não é um elemento físico. O teatro mexe com o lado espiritual, com aquela coisa de você se ligar a uma energia que você não tá vendo, nessa parede, nessa sala, nessas portas. O teatro é uma coisa muito maior que tudo.”¹¹

Lenuca – uma antiga aluna que, por conta de um problema de tireoide, não é regular em sua frequência –, afirma que quando pode estar presente nas aulas, trabalha com sua energia interior: “O teatro desenvolve a energia que eu tenho guardada dentro de mim. Na hora do teatro eu me transformo numa pessoa mais alegre, eu me transporto, eu saio do chão. Eu me divirto! Me melhora porque eu boto pra fora!”¹²

Essas percepções acerca deste “círculo mágico” nos revelam que a energia estabelecida no espaço teatral é fundamental para que o “fazer teatral” aconteça, pois é crendo nesta unidade criada – nesta áurea de harmonização e leveza empregadas na experimentação e no aprendizado – que os participantes interagem e se destacam no grupo.

A interação, num grupo de terceira idade, é básica para se manter o pleno exercício do teatro, pois no grupo os alunos aprendem a entender melhor o outro e, conseqüentemente, a si mesmos. As diferenças e contrastes de personalidades cedem diante do esforço comum coletivo e da experiência do intercâmbio, gerando pontes entre as subjetividades, num clima de respeito e cuidado com os parceiros do grupo. Ribeiro afirma que: “A relação social gera o respeito pela alteridade e nessa contrapartida o autoconhecimento passa a ser um ponto de desbloqueamento de preconceitos.”¹³

O aluno *Clóvis*, observando a relação entre os participantes do grupo, comenta:

Acho excelente principalmente o relacionamento do grupo. Ali é um momento diferente da vida. Então, você não pode olhar com preconceito aquele colega que tá trabalhando com você. Porque nós não somos ninguém a mais do que o outro. Todos somos iguais, então temos que nos nivelar.¹⁴

O teatro na terceira idade é utilizado como uma ferramenta que também auxilia na percepção de si, no desenvolvimento e elaboração de um discurso, no enfrentamento do

¹⁰ Em depoimento pessoal ao autor. 11 de abril de 2012.

¹¹ Em depoimento pessoal ao autor. 9 de novembro de 2011.

¹² Em depoimento pessoal ao autor. 29 de agosto de 2012.

¹³ RIBEIRO, José Luiz. *O teatro na terceira idade*. FLORENTINO, Adilson e TELLES, Narciso. (Orgs.) *Cartografias do Ensino do Teatro*. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 141.

¹⁴ Em depoimento pessoal ao autor. 29 de agosto de 2012.

cotidiano, na formulação de opiniões, na reflexão de sentimentos, emoções e visões de mundo, nas atitudes de questionamento político (do que é/está certo e errado), no compartilhamento de histórias e no espaço de fantasia que é proporcionado ao seu participante.

Ribeiro afirma que “a visão de mundo, sem sentimento de autopiedade, proporciona maior segurança para enfrentar a realidade. Desenvolve-se, a partir de então, a consciência cidadã plena de reivindicações.”¹⁵ E é no plano das reivindicações que o aluno, ao descobrir a força do teatro em sua vida, passa a se compreender com mais poder em seu discurso e em sua expressão, com decisão, opinião e contestação, com consciência e poder sobre seus próprios atos. *Cabeça Grande* afirma: “Eu aprendi como transformar as coisas. Eu já vi - que eu posso assinar embaixo – que eu sei o que é o teatro.”¹⁶

Quente observa a importância do contato com a arte e suas influências na percepção do mundo: “A arte é importante, em qualquer nível. Um homem sem arte é uma pedra. A arte te impulsiona, pra mim a arte é tudo. Te acorda, te faz enxergar, te faz sentir o outro, que a vida não é só o que tá aqui. Arte é tudo, é meu devaneio, é tudo na vida.”¹⁷

Gratidão resume em seu pseudônimo o sentimento que tem em relação ao Grupo Teatro Renascer. Ela comenta:

Pra mim isso é tão importante que começou a despertar dentro de mim algumas potencialidades que eu não sabia que tinha, porque tava adormecida. Então, esse convívio com as outras colegas também faz fortalecer, você resolver seus problemas. Você tá sempre aprendendo. E o que eu posso concluir é que funciona de modo positivo. Aquilo desperta em você, de repente!¹⁸

Thaísa também explana como, através do teatro, descobriu potencialidades que a fizeram se sentir transformada:

Aqui, o teatro me fez mulher, me fez viver, me fez me reencontrar. A *Thaísa* que era adormecida agora é uma mulher alegre, feliz, que despertou pra vida. Eu não sabia como era viver e aqui no grupo aprendi a viver, aprendi a

¹⁵ Idem, p. 141.

¹⁶ Em depoimento pessoal ao autor. 4 de abril de 2012.

¹⁷ Em depoimento pessoal ao autor. 9 de novembro de 2011.

¹⁸ Em depoimento pessoal ao autor. 11 de abril de 2012.

respeitar, aprendi a dar amor pra receber amor, aprendi a receber carinho pra dar carinho.¹⁹

É interessante observar as ocorrências da palavra “adormecida” nas conversas que foram gravadas, ao relatarem como se sentiam no período anterior ao ingresso no grupo. Essas sensações divididas no grupo narram o “despertar”, o “renascer” diante do encontro com a arte, atentando para o exercício de uma consciência da realidade e de seus movimentos de mudança.

Luz, integrante do grupo, afirma: “Eu vivia quietinha em casa, nunca tinha entrado em teatro, não tinha contato com as pessoas. Eu digo pras minhas filhas: agora estou vivendo! Com 82 anos! Antigamente não vivia, era colocada dentro de casa, ia na igreja...”²⁰

Ribeiro afirma que “o teatro é um instrumento de transformação social que permite, a quem o pratica, uma revisão constante de sua natureza e uma visão renovadora do mundo. Para quem se prepara para viver grandes emoções, ainda que tardiamente, o teatro é o portal do prazer, da festa e da alegria.”²¹

E entrando em contato maior consigo mesmo, nesta descoberta de percepções através dos exercícios teatrais, os alunos mostram em seus relatos que o espaço proporcionado pelo grupo é permeado por esta alegria festiva de celebração da vida.

Quente, ao refletir sobre a utilidade do teatro, afirma: “Teatro serve como inspiração da vida. Eu gosto de teatro que mostra o que tá acontecendo no mundo em que você vive. Se você for só falar de amor... tem que falar do que tá acontecendo. Tem que juntar o amor com a realidade.”²²

Quente ressalta a importância política e social do teatro como ferramenta expressiva e potente de comunicação, e tece comentários a partir de suas reflexões sobre o teatro e sua experiência. Já segundo *Tháisa*, muitos são os benefícios conquistados com a prática teatral: “O teatro serve pra muitas coisas: serve para sua memória, serve para o jogo do seu corpo, serve para o seu falar, serve para o seu olhar, ensina você a respirar.”²³

Dandara, uma das primeiras alunas do grupo, declara: “Uma coisa que eu aprendi também foi o controle do ‘conversar’. Que a gente, quando conversa, se não tem uma ajuda,

¹⁹ Em depoimento pessoal ao autor. 26 de outubro de 2011.

²⁰ Em depoimento pessoal ao autor. 29 de agosto de 2012.

²¹ RIBEIRO, José Luiz. *O teatro na terceira idade*. FLORENTINO, Adilson e TELLES, Narciso. (Orgs.) *Cartografias do Ensino do Teatro*. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 142.

²² Em depoimento pessoal ao autor. 9 de novembro de 2011.

²³ Em depoimento pessoal ao autor. 26 de outubro de 2011.

atropela as palavras. E eu sou descendente de italiano... (*risos*) hoje eu aprendi a controlar a fala, a respiração – tudo isso eu levo do teatro, do que eu aprendi.”²⁴

Os alunos observam que o teatro inicia um movimento de despertar das percepções e sensações corporais, estimulando o autoconhecimento e a autoestima. Essa energia não só é experimentada dentro da sala de aula, como passa a se manifestar em outros momentos do cotidiano do aluno. *Roberta*, aluna novata, afirma que desde a sua entrada no grupo, começou a se perceber de outra forma, na descoberta de capacidades e na observação do outro:

Eu sou muito tímida e o teatro está me abrindo um pouco mais – porque eu pouco falava. Eu fui observando as pessoas se soltarem, falarem, se comunicarem. Então eu entrei na onda! Pra mim, ali vai se formando uma família. Você vê outras pessoas desenvolvendo e você pensa: se aquela pessoa faz isso, eu também posso fazer.²⁵

O teatro encontra seu lugar no cotidiano de cada participante, no jogo corporal, no plano das possibilidades, na organização mental e do próprio espaço que habitam, nas estratégias diárias, na memorização, na expressividade artística (iminente do ser).

Thaísa afirma que o teatro está presente em suas atitudes, em sua rotina e em seus momentos familiares, como conta:

Eu olho assim no espelho e falo: “bom dia, *Thaísa*! Hoje eu estou no Grupo Teatro Renascer. E eu tô transmitindo do meu corpo para o seu corpo, *Thaísa*, toda a energia vital, todo o amor... Aí eu passo a mão no cabelo, olho assim pro meu rosto: Você não tá velha, não, *Thaísa*... você só tá um pouquinho usada! Mas isso tudo é coisa da vida, por que a gente nasce, envelhece, até chegar a nossa viagem sem volta, não é mesmo, *Thaísa*? Aí eu caio na gargalhada! Como sempre! (*risos*). Aí minha neta: Bravo, vovó! Tudo o que eu aprendo aqui no teatro, que eu aprendo no grupo, eu levo pra fora. Olha, principalmente uma coisa: nós somos seres humanos mortais, nós não somos ninguém na vida, certo?”²⁶

²⁴ Em depoimento pessoal ao autor. 18 de abril de 2012.

²⁵ Em depoimento pessoal ao autor. 29 de agosto de 2012.

²⁶ Em depoimento pessoal ao autor. 26 de outubro de 2011.

Teatralizando a vida com bom humor, a aluna faz de sua cena no espelho uma resposta à pergunta feita no verso final de *Retrato*, poema de Cecília Meireles: “Em que espelho ficou perdida a minha face?”²⁷.

Nas atividades teatrais exploradas nas aulas de teatro para a terceira idade “(...) encontramos um processo de reabastecimento de sensibilidade e da organização psicológica diante do mundo”²⁸, como afirma José Luiz Ribeiro. Quando nos colocamos em jogo e em foco, pensamos questões e apresentamos soluções e sensações. O contato com o que há de mais íntimo começa a florescer em cada aluno, tornando coletivo esse compartilhamento de sensações e experimentações. Ribeiro também afirma que “a sensibilidade amplia-se com uma visão mais acurada do mundo sensorial”.²⁹

Céu, uma das mais antigas integrantes do grupo, relata que a partir de sua entrada no teatro, começou a ver arte em tudo na vida. Aprendendo mais na sala de aula sobre o trabalho do ator no espaço e sobre o corpo presente e sua organização cênica, *Céu* comenta que passou a se organizar de forma mais consciente em seu cotidiano, como, por exemplo, na hora de arrumar as compras do mercado:

Eu percebi o seguinte: quando chegava em casa, na hora de juntar tudo no armário, eu ia arrumar e pegava tudo o que era maior e colocava atrás; o mais baixo, fica mais em frente; o menorzinho fica ali bem na frente. Então, tudo o que eu queria pegar – que eu não tenho muita altura –, eu conseguia ver, desde o primeiro (que tava lá atrás), depois o médio e depois o pequenino (que fica na frente). Aprendi através de uma aula em que a professora deu aqui e isso ficou no meu subconsciente e eu guardei – sobre o espaço, de como organizar – até dentro do armário.³⁰

Céu, observando o espaço da cena e a relação dos corpos presentes no espaço, passou a ser mais consciente em sua vida, atingindo com sua percepção a praticidade, a organicidade e a beleza estética na arrumação dos signos.

²⁷ MEIRELES, Cecília. *Viagem*. In: *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985. p. 84.

²⁸ RIBEIRO, José Luiz. *O teatro na terceira idade*. FLORENTINO, Adilson e TELLES, Narciso. (Orgs.) *Cartografias do Ensino do Teatro*. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 141.

²⁹ Idem, p. 141.

³⁰ Em depoimento pessoal ao autor . 19 de setembro de 2012.

No teatro ou nos atos cotidianos, a organização harmoniosa e expressiva vista na relação entre elementos, é produto de uma exercitação mental, de uma conscientização da percepção que pode ser conquistada com o auxílio de jogos e exercícios experimentados.

Além disso, *Céu* relata que, através da prática de exercícios onde trabalhou a qualidade da lama nos movimentos – que é água misturada com terra –, descobriu que seu corpo poderia ser revelado em outras potencialidades, na expansão de seus membros, no “azeitamento” de seus gestos. A aluna descreve o exercício:

Comecei a me movimentar andando na lama e conseqüentemente, firmando o corpo pra não cair. Pisando na água e saindo – que o corpo vai junto, a água vai fluindo –, depois pisando na lama e saindo – tem que ter equilíbrio. Sempre que você levanta o pé na lama, a lama vem junto. Depois eu ganhava espaço livre e podia continuar a trabalhar.³¹

Céu comenta no mesmo depoimento que, a partir dessa experiência vivida em aula, constatou que os movimentos e extensões que descobria em seu corpo, poderiam trazer a ela benefícios em sua rotina:

E eu tava procurando uma meia pra calçar, então pensei: será que ela tá embaixo da cama? Então, eu abaixei meu corpo e vi que a meia estava lá no canto, no outro lado da cama, então eu estiquei o meu corpo todo numa posição em que o meu braço pudesse chegar lá, pegar a meia e trazer. Aprendi pelos exercícios todos que eu fiz. Meu corpo ganhou uma flexibilidade tão grande que, de onde eu estava, meu corpo deslizou juntamente com o meu braço. Meu braço foi e a meia, tão distante, eu consegui pegar. Isso pra mim, foi o máximo! Todos os movimentos que aprendi tiveram uma importância muito grande na minha vida.³²

Relembrando as qualidades de movimento exploradas e despertadas nos corpos idosos em sala de aula, o grupo vai descobrindo que esse conhecimento vai além do espaço físico onde nos reunimos para praticar o teatro, semanalmente. O conhecimento vai preenchendo lacunas ainda vazias e realiza associações para continuarmos tendo descobertas no que nos parece inerte e/ou inexplorado.

³¹ Idem.

³² Idem.

Gratidão comenta que leva as lições compartilhadas e apreendidas no teatro para casa e afirma que em seu cotidiano aplica suas experiências de estudo: “O que eu aprendo aqui, eu coloco no meu dia a dia. Tudo o que a gente faz aqui, a gente leva uma mensagem.”³³ A aluna também comenta que teatraliza seus momentos dentro de casa: “Às vezes eu me pego em casa recitando, falando, fazendo caras e bocas, tentando me aperfeiçoar.”³⁴

Sua rotina também tem um lugar especial para os estudos de sua prática no Grupo Teatro Renascer. *Gratidão* faz relatórios de suas aulas e anota os exercícios e jogos mais marcantes, as falas que mais acrescentam ao seu aprendizado. Em seus relatórios, *Gratidão* também marca suas impressões em poemas, que escreve e organiza com esmero. Em relação ao estudo, comenta:

Eu chego em casa e me analiso como foi. Depois que passa tudo eu penso: eu poderia ter feito assim. Eu me preocupo. Quando eu chego em casa, eu tenho essa mania: marcar, fico refletindo sobre as coisas daqui, lembrando os gestuais... como começou e como fluiu. Isso vai me ajudando. Pra eu organizar. Tipo um estudo, reciclar tudo o que eu aprendi, passar na minha ‘cabecinha de louca’, e dali o que eu posso tirar é o que vai ficar no meu dia a dia, pra eu poder levar a vida mais tranquila, né?³⁵

A preocupação da aluna traduz-se no progresso de suas capacidades técnicas e artísticas, no despertar de suas percepções e na associação de suas ideias. *Gratidão*, além de se dedicar aos estudos praticados dentro da sala de aula, é curiosa em tudo o que se refere ao teatro, buscando informações em programas televisivos como o do falecido ator e diretor Sérgio Britto ou nos veiculados pela SESCTV – com temática artística e teatral. *Gratidão*, depois de uma aula onde foi trabalhado o *gromelot*³⁶, pesquisou mais na internet sobre sua origem e sobre sua utilidade, criando e mostrando depois para a turma (ao final de uma aula) o Funk do Gromelô.

Fora esses veículos de informação, *Gratidão* é frequentadora assídua de peças teatrais, mas não as procura apenas por diversão, por ser um evento social com amigas ou para apenas preencher seu tempo: ela se põe com atenção no constante exercício de observação e formula suas impressões gerais sobre a peça, como afirma:

³³ Em depoimento pessoal ao autor. 11 de abril de 2012.

³⁴ Idem.

³⁵ Em depoimento pessoal ao autor. 11 de abril de 2012.

³⁶ Consiste numa comunicação por linguagem inventada; muito utilizado em exercícios teatrais para expressão vocal e pesquisa de intenções de fala e de comunicação.

Hoje eu vou numa peça, aí procuro ver o cenário, procuro ver a roupa. Eu descobri que eu tenho uma coisinha que estava guardada dentro de mim: que é essa parte do cenário, essa parte do visual, de encaixar no texto... quando você dá o texto, eu já tô pensando no que pode simbolizar alguma coisa ali. Agora, nessa música que a gente tá cantando³⁷, falando do mar, eu vi a rede, as pedras, o mar batendo... então vai fluindo o cenário na minha cabeça. Uma coisa que estou vendo, nas peças em que vou, é que estou aprendendo a sintetizar o cenário.³⁸

Desta forma, podemos perceber que no grupo existem alunos que se dedicam e se empenham nas propostas realizadas na sala de aula, explorando toda a informação que lhes é compartilhada e buscando além do que a equipe transmite como conhecimento. Para a peça *O Grande Passeio* (2011), *Gratidão* confeccionou flores artesanais para o figurino de cada integrante do grupo.

Como comentado no capítulo anterior (ao abordar práticas pedagógicas), o grupo além de funcionar como um espaço de convivência e bem-estar do idoso, também é responsável por uma pedagogia que se importa com o aprendizado do teatro, com a apreensão do conteúdo dado, com a experimentação consciente dos jogos e exercícios e também com a apreciação estética do que é realizado pelos alunos – elementos identificados na perspectiva essencialista.

Sendo o grupo formado de maneira bastante eclética – com idosos de diversas idades, de níveis socioeconômicos e histórias diferentes –, certamente pode-se afirmar que todos os alunos passam pela experiência teatral, extraindo impressões individuais e coletivas sobre a cena e sobre seu acontecimento; apreendem pelo menos alguma coisa de cada jogo, de cada relação lúdica, de cada sentimento partilhado no espaço, de cada conteúdo transmitido em aula.

A recepção dos alunos é que pode se dar de formas variadas: há aqueles que levam o que foi trabalhado em aula para casa e para suas percepções cotidianas – preocupando-se até com o aprendizado de nomenclaturas e técnicas –, e há aqueles que experimentam o teatro pelo prazer da expressão viva, pela convivência entre os participantes – sendo que estes, mesmo não se interessando tanto pelo teatro enquanto estudo e formação, também experimentam e apreendem o teatro com as experiências vividas.

³⁷ *Caravana*, música de Geraldo Azevedo – utilizada nos exercícios de processo do espetáculo do grupo (a estrear neste ano).

³⁸ Em depoimento pessoal ao autor. 11 de abril de 2012.

Gratidão define como se dá essa recepção por parte dela:

Eu me sinto bem em estar aqui, mas não vejo como uma coisa assistencialista, só como terapia, porque a partir do momento em que eu passo a ir num teatro, a observar, a escutar um programa de entrevista do diretor que fala, do cenógrafo que fala isso... então, não é uma terapia. Foi despertada em mim alguma coisa, que eu não vejo como terapia. Existe uma interação, uma troca, que mistura tanto o prazer nosso como o prazer de vocês. Vocês vieram pra dar e nós viemos pra buscar. Então aquela interação fica uma coisa só, essa energia toda que tem fica uma coisa só.³⁹

Outro aspecto importante diagnosticado no grupo é a melhoria na qualidade de vida e na saúde, visto que o trabalho com memórias e com o corpo sempre põe o grupo num estado constante de exercitação do seu material de trabalho – que é o próprio corpo.

O fato de o grupo estar instalado num ambiente hospitalar colabora na ideia de que, com o teatro, podemos cuidar com atenção de nosso ser, de nossa corporeidade, de nossa expressão, de nossos sentimentos, de nossos medos, de nossas relações e de nossa história. E esse cuidado acontece tanto a partir da equipe para os idosos como dos idosos para a equipe.

José Luiz Ribeiro, continuando a listar os benefícios promovidos pela prática e estudo teatral na terceira idade, afirma que “a saúde corporal é beneficiada pelos procedimentos de aquecimento, postura e reavaliação de potencialidades; a saúde mental desenvolve-se com treinamentos de atenção e memorização”⁴⁰.

Gratidão comenta como vê o teatro para a saúde do idoso: “É como se fosse um remédio, uma coisa que você vai tomando e vai te fortalecendo, te fortalecendo e vai te levantando até ir te despertando pro essencial.”⁴¹ *Tháísa* também relata como se sente nas aulas de teatro: “Me dá muita energia vital, fico com muita garra, com muito entusiasmo e eu passo a me amar muito mais!”⁴²

Vivência traz sua visão de como o teatro colaborou na transformação de um momento difícil que afetou sua saúde e sua disposição:

³⁹ Em depoimento pessoal ao autor. 11 de abril de 2012.

⁴⁰ RIBEIRO, José Luiz. *O teatro na terceira idade*. FLORENTINO, Adilson e TELLES, Narciso. (Orgs.) *Cartografias do Ensino do Teatro*. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 141.

⁴¹ Idem.

⁴² Em depoimento pessoal ao autor. 26 de outubro de 2011.

Meu filho faleceu... aí pronto. Aí depois as colegas falaram: “não, você não pode se deixar, não faça isso”. E foi passando o tempo... depois de 2 anos, voltei a fazer o teatro aqui, com outras experiências, pra renovar a vida – porque eu quase que entrava naquela doença que a gente fica assim e não quer nada, a depressão...⁴³

Além de ter passado por essa dificuldade, *Vivência* sofreu com um acidente vascular cerebral, que limitou seus movimentos e sua fala, em sua organização na hora de construir frases. Ela afirma que com o convívio com o grupo, obteve melhoras:

Com o AVC perdi a minha fala direito, não tenho a fala que eu tinha. Sempre fui uma pessoa muito alegre e eu tô me sentindo muito presa ainda. Eu tô vendo se eu consigo sair dessa coisa. Aqui a gente tem o grupo e aí nós comunicamos – apesar de eu não estar fazendo a minha fala como eu antigamente fazia. Mas eu melhorei muito.⁴⁴

Já *Quente*, com dificuldades físicas relacionadas à Doença de Parkinson, afirma que o teatro colabora com o enfrentamento dos problemas vividos por ela. Quando a aluna está mais debilitada e não pode frequentar a aula, em seu dia-a-dia experimenta o que foi observado nas aulas do grupo. *Quente* comenta:

Quando eu tô assim, muito isolada, aí eu me lembro: “não, eu vou ler uma poesia em voz alta, vou visualizar alguma coisa, vou tentar pensar...”. Isso me ajuda. Eu lembro de vocês quando leio um texto – com dificuldade, mas eu leio. Ter paciência, ser generosa... você vê que no teatro tem uma generosidade muito grande entre todos. Vocês são generosos demais, a gente tem que internalizar isso. Eu tenho aprendido com vocês a generosidade.⁴⁵

Quente, assim como algumas outras alunas que também possuem dificuldades de locomoção, são incansáveis na dedicação e no comprometimento com o processo de aulas, buscando forças e disposição para chegar até o Hospital Universitário Gaffrée e Guinle – sempre que podem e quando a saúde assim permite.

⁴³ Em depoimento pessoal ao autor. 29 de agosto de 2012.

⁴⁴ Em depoimento pessoal ao autor. 29 de agosto de 2012.

⁴⁵ Em depoimento pessoal ao autor. 9 de novembro de 2011.

Quente, ao chegar ao salão onde as aulas acontecem, sempre comenta, de forma pontual a frase: “As quartas-feiras são o meu domingo”⁴⁶. Seria o dia em que *Quente* entra em contato consigo mesma, com os amigos, com esse teatro que também é utilizado por ela como uma terapia.

Por mais que a aluna fique sentada boa parte do tempo das aulas, a atenção a ela é tida como imprescindível – respeitando seus limites físicos e de energia nos exercícios aplicados–, visto que a utilização que ela faz do conteúdo das aulas interfere de modo profundo em suas percepções.

Dentre os problemas que enfrenta, *Quente* afirma que o pior deles pode ser considerado o esforço físico para se locomover – limitação que a impede de realizar ações precisas. Mesmo assim, a aluna busca algo a mais, dentro de suas possibilidades: “O cansaço mental de eu ter que me esforçar pra caminhar... fico exaurida. E no teatro, então, eu quero buscar o que tá lá dentro de mim. Aí que mexe com tudo.”⁴⁷

Em conversa gravada com *Cabeça Grande*, dialogamos sobre as mudanças percebidas na vida das pessoas que entram em contato com o teatro. Ao falar da importância do corpo em cena – e consequentemente da saúde e da disponibilidade desse corpo –, *Cabeça Grande* comenta o caso da companheira de turma *Quente*: “A importância do corpo – você estando com saúde –, você transforma ele a seu modo, como você quer. Que sabe que ele tá preparado pra você se apresentar como você quer. A potência do corpo de um ser humano, se não estiver com saúde, não consegue mover ossos...”⁴⁸

Quando pergunto a *Cabeça Grande* se no mínimo de movimento podemos encontrar expressão, ele também relata, relacionando ao corpo de *Quente*: “Porque ela colheu um modo. Eu que tenho intimidade com ela, sei que ela tinha muito mais pra dar quando tinha saúde. Hoje ela não tem, mas faz uma imagem. Mesmo assim ela faz uma imagem!”⁴⁹

Gratidão nota também que seu quadro de saúde tem significativos avanços, através dos exercícios praticados no grupo:

Às vezes eu esqueço que o joelho tá ruim, até esqueço que eu não posso pular muito por causa da falta de ar, eu esqueço, eu acho que eu entro em transe, fico tão envolvida com aquela energia que eu me transformo realmente. Isso me faz tão bem... eu me acho “toda-toda”. Não é vaidade,

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ Em depoimento pessoal ao autor. 4 de abril de 2012.

⁴⁹ Idem.

não. Eu sinto como evoluí, pela maneira que cheguei aqui e pela maneira que me vejo hoje. Pra mim foi um passo. Pelo desenvolvimento, é um degrauzinho que você vai subindo...⁵⁰

Nesse subir de degraus, os alunos vão descobrindo novos ângulos para ver o mundo e nuances de uma visão mais ampla e livre. Além de colaborar para um corpo mais saudável e expressivo, o teatro também é utilizado como uma ferramenta para trabalhar a desinibição, a sociabilidade, o aprimoramento comunicativo e a organização da fala. Através da expressão vocal, além de experimentarem a voz em cena, ganham autoridade em suas vozes e entram em constante exercício do diálogo, promovendo o encontro de ideias e de conhecimento, posicionamentos e defesas de argumentos e questões. *Roberta* afirma: “(...) parece que você tem mais vontade de agir, de se soltar. E eu tô tendo mais liberdade comigo própria.”⁵¹

Segundo Ribeiro, “o aprimoramento do discurso permite o uso de uma retórica segura que dialoga e defende pontos de vista”⁵². E permitindo maior troca através desta comunicação dialógica, o idoso que está em contato com o jogo no teatro verifica que “a realidade passa a ser vista de maneira mais racional: aprendem-se estratégias comunicativas que permitem abordagens de novas políticas sociais, culturais e educacionais”⁵³, como comenta Ribeiro.

Cabeça Grande, acerca de suas percepções sobre melhorias em seu modo de se comunicar, relata:

Pudesse eu ter duas vezes por semana essa aula, aula de aprender teatro, comunicar com todos – que a comunicação e a expressão social a gente aqui aprende. Quem não sabe se comunicar socialmente com todos, não aprende. Nós precisamos de comunicação e expressão social com todos, para que todos nos entendam.”⁵⁴

Assim, *Cabeça Grande* e outros alunos que desenvolvem suas expressões no grupo, conquistam territórios antes inexplorados e, muitas vezes, pouco férteis. A força da comunicação traz atenção sobre a necessidade de provocar, dialogar e fazer entender nessa sociedade que comporta tantas vozes e ecos. *Cabeça Grande* compara seus momentos de

⁵⁰ Em depoimento pessoal ao autor. 11 de abril de 2012.

⁵¹ Em depoimento pessoal ao autor. 29 de agosto de 2012.

⁵² RIBEIRO, José Luiz. *O teatro na terceira idade*. FLORENTINO, Adilson e TELLES, Narciso. (Orgs.) *Cartografias do Ensino do Teatro*. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 141.

⁵³ Idem, p.141.

⁵⁴ Em depoimento pessoal ao autor. 4 de abril de 2012.

vida: “fazendo teatro, eu tenho mais facilidade de conviver na vida social com todos que sendo um mecânico, técnico de automóveis”⁵⁵.

O idoso traz em si e em sua própria inscrição no espaço-tempo, percepções únicas da história – pessoal e coletiva –, fazendo de sua comunicação uma oportunidade de reaver fragmentos do passado, reivindicar o respeito por suas questões e participar experiências com os demais.

Cabeça Grande também comenta a experiência do uso da fala para a expressão de particularidades e afirma que, no teatro, tem a capacidade de “transformar uma palavra verdadeira em uma peça teatral, em caso íntimo. Como apreender um caso íntimo e transformar em uma peça teatral. A vida íntima minha e a vida íntima de uma pessoa. Transformar em uma mentira”⁵⁶. Pergunto em nossa conversa se, então, o teatro é uma mentira ou uma verdade – ao que *Cabeça Grande* responde: “Uma forma ideal pra se fazer uma mentira. Contando uma verdade”⁵⁷.

Clóvis (o outro ator do grupo), sobre este movimento da vida para o palco e vice-versa, afirma:

Quando você quer ser um artista, você vive no teatro o que você vivencia na sua vida. Você leva pro teatro a sua vivência e você tira do teatro a experiência – do teatro pra sua vida. Parece que você está vivendo uma coisa que não é uma realidade, mas que passa a ser uma realidade.⁵⁸

E nesta linha de divisão do que é vida e do que é teatro, os alunos encontram no convívio do grupo, na experimentação do teatro e no próprio cotidiano e história de suas vidas, uma oportunidade de vivenciar novas potencialidades que desabrocham e os fortalecem enquanto indivíduos.

Na vida prática é que os alunos começam a descobrir e redescobrir novas sensações, fazer leituras e releituras de seus mundos e suas relações, estimulados pelos conteúdos trabalhados em aula e pela bagagem teatral que vão somando nessa caminhada. Ao reconhecer uma organização teatral no simples e no rotineiro, (na vivência diária, da qual muitas vezes passamos sem refletir e indagar sobre) *Cabeça Grande* também observa o sagrado e o que é relacionado à fé como representação teatral:

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ Em depoimento pessoal ao autor. 29 de agosto de 2012.

Depois que eu entrei no teatro Renascer, eu fui me lembrar de uma novena que tinha na antiga Rádio Tupi com o falecido Júlio Louzada, que era a oração da Ave Maria. As palavras da oração da Ave Maria eu considero como um teatro. Porque a Ave Maria você se conscientizava para aquele horário. Hoje, aprendi no teatro: 9h30 da manhã, todas as quartas-feiras.⁵⁹

Relacionando sua vida no teatro às várias representações que identifica na sociedade, *Cabeça Grande* vê seu comprometimento com o trabalho desenvolvido no grupo como algo sagrado – assim como os fiéis precisam das orações, dia após dia, para se fortalecerem e compreenderem mais sobre a vida.

O aluno, ao me relatar seus ganhos através do teatro, explana sua felicidade dentro do grupo teatral: “Me dá mais apogeu, uma vida mais social e mais tranquila. Me dá conforto espiritual, rapaz. Ânimo de viver com todos. Eu sei que hoje eu aprendi mais do que ontem. Hoje também foi outro dia”⁶⁰.

Ribeiro comenta essa renovação obtida na relação com o teatro – compartilhada aqui pelos participantes do Grupo Teatro Renascer: “A decantação do cotidiano reorganiza a tribo, a afirmação de identidade adquirida pelos atores da terceira idade é prova da existência daqueles que se recusam a capitular e se reinventam com nova máscara”.⁶¹



Alunos em exercícios – fotografias realizadas e cedidas por Daniele Zamorano.

⁵⁹ Em depoimento pessoal ao autor. 4 de abril de 2012.

⁶⁰ Idem.

⁶¹ RIBEIRO, José Luiz. *O teatro na terceira idade*. FLORENTINO, Adilson e TELLES, Narciso. (Orgs.) *Cartografias do Ensino do Teatro*. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 141.



Roda com alunos e equipe do Grupo Teatro Renascer –
fotografia realizada e cedida por Daniele Zamorano.

3.2 – De dentro para fora: ressonâncias em diálogos

A fim de tratarmos os diversos movimentos e ressonâncias que surgem a partir do Grupo Teatro Renascer, não podemos deixar de citar como se dá esse contato com o lado de lá do palco – onde está o espectador receptor dessa cena.

As aulas-espetáculo do grupo (de uma a duas realizadas por ano) acontecem no espaço do salão do Grupo Renascer e/ou nos espaços teatrais que a Escola de Teatro da UNIRIO comporta. Nesta recepção, por parte do espectador, podemos listar que este público é composto de: cônjuges e filhos de participantes (e outros familiares, em geral), colegas dos alunos (tanto os de fora do Renascer quanto os participantes do Grupão), funcionários da saúde e da limpeza atuantes nos espaços universitários (hospital e campus), alunos e professores de teatro e convidados dos licenciandos que atuam na equipe de facilitadores.

José Luiz Ribeiro afirma sobre este ritual de troca entre participante e público:

Depois do treino, chega a hora do jogo. A criação do espetáculo culmina no momento mágico da apresentação. Dividir com um público especial o seu trabalho é para este ator, também especial, que procura o teatro na terceira idade, um momento de afirmação social e familiar. Ao vencer a barreira que parecia intransponível, ao eliminar medos e temores chega à vitória final.⁶²

⁶² Idem, p. 140.

Essa vitória é acompanhada de muitos olhares que percebem neste teatro a importância daquele indivíduo que, das sombras da coxia da vida real, passam ao centro do palco, sob as luzes do teatro. No palco está aquele que possui a sabedoria dos que muito já viram, que experimentou gerações, histórias e vivências únicas. É neste instante em que o espectador percebe que a cena que está sendo proposta é diferente das demais que já teve contato, pelo destaque a um elenco de atores não visto habitualmente nos teatros comerciais.

Sobre os parentes dos participantes, podemos refletir sobre a importância dos familiares encontrarem com o idoso que conhecem, em situações inusitadas e reveladoras. A família também vê, além da representação e do exercício da expressão, as relações entre os participantes, que convivem e compartilham experiências entre si. É contagiante ver o velho da família fazendo arte! Este espectador, segundo Ribeiro, “tem como ponto referencial os laços afetivos. É um público que não vai apenas assistir a uma peça teatral, vai reverenciar um ente querido.”⁶³

“E toda a programação em que o Teatro vai estar, a dona Maria, minha esposa, me acompanha”⁶⁴, comenta *Cabeça Grande*. O aluno narra que em um dos espetáculos do grupo também “Veio um ex-tesoureiro do Botafogo Futebol Clube... família, parente. Ele era casado com a filha do jogador de futebol chamado Milton Santos, de maneiras que eu contei do teatro pra ele e ele veio me assistir.”⁶⁵

Thaísa também relata como foi ver seus familiares na plateia: “A minha filha, minha sobrinha e três amigas me viram fazendo a Deusa Afrodite e outras peças também. Muito elogio! Elas falam: ‘você nasceu pra ser uma atriz!’. ‘Olha, sua mãe é uma grande atriz! Você não sabe o que você está perdendo com a sua mãe!’”⁶⁶ Para sua família, percebemos – através de seu relato – que este encontro é positivo, ao festejarem sua participação no teatro e reconhecer a importância dessa atividade.

A afirmação da identidade, do valor e do reconhecimento perante os conhecidos, apresentando essa faceta artística num grupo onde uma equipe universitária trabalha e pensa sobre o teatro na terceira idade, são pontos positivos que vem ao encontro da satisfação que estes idosos sentem nesses momentos de encontro do ambiente do trabalho teatral com os participantes do mundo social deles. É um momento de recepção e acolhimento, onde fazem o

⁶³ RIBEIRO, José Luiz. *O teatro na terceira idade*. FLORENTINO, Adilson e TELLES, Narciso. (Orgs.) *Cartografias do Ensino do Teatro*. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 140.

⁶⁴ Em depoimento pessoal ao autor. 4 de abril de 2012.

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ Quer dizer: Deusa Afrodite.

que foi ensaiado e exercitado de forma ainda mais expressiva e desinibida, mostrando o melhor que podem doar.

Como os trabalhos desenvolvidos pelo grupo lidam com a memória desses corpos e dessas histórias pessoais que compartilham, é tocante ao público observar um teatro que conta histórias assim como a avó que nos acolhe com uma parlenda, com uma lembrança antiga, com uma brincadeira, com vivências e sentimentos que expressam, com a história de seus antepassados, com uma piada, com sua graça...

Sheila comenta como se dá sua relação com o público:

Eu gosto de fazer as pessoas sorrirem, através do teatro. Eu gosto das pessoas quando dizem: “ah, eu gostei daquela peça que você apresentou, eu ri muito!” – então ali, eu tô no auge! Eu adoro rir, adoro contar piada e dançar engraçado! Porque quando eu tô fazendo aquilo, as pessoas ficam olhando... então, estão evoluindo a mente e esquecendo alguma coisa triste lá atrás.⁶⁷

Uma trupe de idosos causa a boa impressão por estarem unidos e dispostos a expressar suas essências e individualidades, a comunicar um mundo específico e valioso. Estes artistas que se descobrem no exercício, permitem ao público um novo olhar sobre o maior sentido do teatro e da arte: a celebração e expressão genuína.

Ribeiro comenta que “a interligação entre o palco e a plateia cria um rito de celebração no qual se penetra como numa experiência catártica. Não existe nessa celebração lugar para o *ratio*, apenas o *pathos* triunfa, através da comunhão dos pertencentes.”⁶⁸

Como mencionado anteriormente, o grupo dialoga com os elementos desse pós-dramático inserido na pedagogia teatral, assumindo uma cena menos formal e mais fragmentada – carregada de estímulos vários –, apresentando uma experiência estética e mais livre e investindo numa relação mais próxima ao espectador.

Por parte do espectador, este recebe diversas informações de forma não convencional (em relação ao teatro dramático e linear), sendo convidado a participar de uma cena poética e onírica, onde existe o diálogo do teatro com a vida e outras artes bem presentes e marcadas na cena, como, por exemplo, as projeções do Rio Antigo ao som tocado ao vivo por flautistas da equipe, enquanto uma senhora, que representa também Mocinha (uma idosa em contato com a

⁶⁷ Em depoimento pessoal ao autor. 29 de agosto de 2012.

⁶⁸ RIBEIRO, José Luiz. *O teatro na terceira idade*. FLORENTINO, Adilson e TELLES, Narciso. (Orgs.) *Cartografias do Ensino do Teatro*. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 140.

cidade), assiste num banco de praça esses fragmentos, na mesma posição que o público e de costas para ele⁶⁹ – se tornando parte também deste público ou aproximando o espectador da vivência do palco.

A junção do teatro com a dança, com a música (sempre do repertório nacional, carnavalesco e/ou histórico), com as artes visuais (como projeções e uso de microfones e iluminações) e com as instalações artísticas resulta na experiência ímpar que é esse teatro feito pela terceira idade e partilhado com o público. Neste teatro, o público geralmente se emociona, ao perceber que aquele idoso que é visto apenas no ambiente doméstico, passa a fazer algo visto como especial. Muitos espectadores são vistos chorando, quando ouvem a execução das músicas que o grupo ensaia. No primeiro ano do processo de *O Grande Passeio* (2010), o espetáculo terminava com a música *Dez Anos*⁷⁰, com acompanhamento musical – o que causava grande emoção daqueles que reconhecem aquela música antiga que também os toca com lembranças.

Tudo isso faz com que o espectador receba estas informações fragmentadas de forma tocante, que remetem aos flashes da lembrança, que trazem semelhança com as fagulhas das reminiscências, que provocam um novo olhar sobre o idoso (onde também projetamos o futuro), que separa o ator dos preconceitos, que afirma o valor do idoso, que se traduz numa atmosfera de sonho, onde é possível ser feliz. Poderiam ser listadas aqui inúmeras qualidades a mais nessa troca promovida entre o Grupo Teatro Renascer e este público que acompanha seus passos.

Continuando a investigar as ressonâncias externas provocadas por esse teatro, concluo este capítulo me apresentando agora com uma voz mais subjetiva, como participante deste grupo e espectador de várias ações e movimentos gerados a partir deste encontro. São dois anos em que aprendi, através do curso de licenciatura em artes cênicas, os primeiros passos como educador, vivendo e refletindo sobre os processos, conhecendo pessoas e me deparando mais de perto com o universo e os aspectos da senescência.

A oportunidade de contato com este grupo que muito admiro – em sua formação, dinâmica e objetivos – também me trouxe momentos especiais e marcantes enquanto pessoa. Aqui destaco que, a partir de minhas questões e lucubrações acerca do teatro na terceira idade e do idoso como artista, me desenvolvi também artisticamente. Dentro dos trabalhos que realizei, esta relação transparece muitas vezes.

⁶⁹ Descrição de uma cena da peça *O Grande Passeio* – realizada pelo Grupo Teatro Renascer em dezembro de 2011.

⁷⁰ Música cantada por Emilinha Borba.

Observando o cotidiano dos alunos, em contato com emoções e histórias que vinham surgindo em sala de aula, fui acumulando uma bagagem de percepções que me auxiliaram na escrita de diversos contos ficcionais sobre a velhice e seus personagens – que agora estão todos reunidos em um blog na internet chamado *Gerontografia*⁷¹.

Um destes contos, intitulado *Mãos de Fada*, se encontra na antologia *A Polêmica Vida do Amor*⁷². A partir desta produção, um pouco destas leituras captadas no convívio não só com o grupo, mas com o idoso, em geral (que a partir do meu ingresso na equipe do Renascer, passei a observar e a compreender melhor), foram divulgadas a diversos leitores. E também um poema de minha autoria – *Fragmentos* –, está presente na antologia poética *Poesia.com*⁷³, onde se pode ler: “o velho se completa ao se contemplar”⁷⁴.

Ao defender o projeto de extensão Grupo Teatro Renascer no XVI Encontro de Extensão da IX Semana de Integração Acadêmica da UNIRIO, em 2011, também tive a felicidade de ser um dos bolsistas agraciados com o prêmio Malvina Tuttmann de Extensão Universitária, pelo trabalho desenvolvido e apresentado – o prêmio hoje se encontra na sede do Grupo Renascer.

E pra terminar, não posso deixar de expressar minha alegria em ter criado o logotipo do Grupo Teatro Renascer, que traz a ideia do renascimento, das máscaras teatrais que se transmutam – como as emoções experimentadas no teatro – formando um sol (essa energia quente encontrada no coletivo) e das rugas presentes nestes símbolos do teatro (se referindo à expressão teatral na terceira idade).

Esses diversos acontecimentos que me movimentam e passam diretamente pelo Grupo Teatro Renascer, culminam em minha decisão de continuar buscando caminhos e questões para este meu trabalho final da universidade – que aqui apresento com alegria e satisfação.

Espectador do grupo e dos velhos (nas ruas, nas famílias, nos mercados, nos meios de transporte, nos meios de comunicação), coloco-me sempre de forma compreensiva e amorosa com estes, numa relação intergeracional de reconhecimento com o velho que mora dentro de mim mesmo. Como me disse *Cabeça Grande* num dia, em uma conversa na sala de aula: “O velho tem raiz no jovem e o jovem tem raiz no velho.”⁷⁵

⁷¹ www.gerontografia.blogspot.com

⁷² ASTH, Marcelo Azevedo. *Mãos de Fada*. In: TORTIMA, Flávia Iriarte; RIBAS, Daniel Russell (Orgs.) *A Polêmica Vida do Amor*. Rio de Janeiro: Oito e Meio, 2011, ps. 171-175.

⁷³ ASTH, Marcelo Azevedo. *Fragmento*. In: PIGNONE, Lohan Lage (Org.) *Poesia.com*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2012, p. 37.

⁷⁴ Idem, p.37.

⁷⁵ Em depoimento pessoal ao autor. Sem data.

Levo comigo estes grandes e valiosos ensinamentos, esperando ter a grande oportunidade de chegar à velhice com o mesmo vigor que evidenciam, com a vitória de chegar neste futuro com saúde e felicidade e encontrar espaços que estimulem a minha expressão, a minha criatividade, a minha arte e o meu eterno prazer por esta experiência maravilhosa e única que é a vida.

Sentindo-me cada vez mais rico com esta parceria e observando a beleza e as minúcias dessa etapa tão particular da vida, faço minhas as palavras do cantor e compositor Arnaldo Antunes:

A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer.
A barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer.
Os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer.
Os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer.

Não quero morrer, pois quero ver
Como será que deve ser envelhecer.
Eu quero é viver pra ver qual é
E dizer “venha” pra o que vai acontecer.

Eu quero que o tapete voe
No meio da sala de estar.
Eu quero que a panela de pressão pressione
E que a pia comece a pingar.
Eu quero que a sirene soe
E me faça levantar do sofá.
Eu quero pôr Rita Pavone
No ringtone do meu celular.
Eu quero estar no meio do ciclone
Pra poder aproveitar.
E quando eu esquecer meu próprio nome
Que me chamem de velho gagá.

Pois ser eternamente adolescente – nada é mais démodé.
Com uns ralos fios de cabelo sobre a testa que não para de crescer.

Não sei por que essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender
Que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr.⁷⁶



Logotipo do Grupo Teatro Renascer.

⁷⁶ *Envelhecer*, de Arnaldo Antunes. Cd *Iê Iê Iê* (2009). Gravadora/Selo: Rosa Celeste/Microservice.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, cria em seu livro *Modernidade Líquida*⁷⁷ a tese de que vivemos num tempo em que nada é duradouro. O conceito vem da ideia de que os líquidos mudam de forma sob a menor pressão. Ao refletirmos sobre nossa realidade temporal, nessa “modernidade líquida” que jorra uma enxurrada de informações fragmentadas, estímulos e pressões cotidianas sobre nós, percebemos que nos “atropelamos” em meio a tantas exigências a cumprir.

O idoso – este ser passado e presente ao mesmo tempo, muito visto como não atuante de seu meio social – por possuir, muitas vezes, pensamentos arraigados (de um tempo da “modernidade sólida”) e pela própria debilitação específica de seu corpo envelhecido, acaba sendo vítima de um sistema de pessoas que se configuram “aceleradas” e que excluem os menos ativos – pela intolerância e falta de paciência com a dinâmica corporal, a organização mental e com este tempo particular do idoso.

Diante desse cenário estimulante para o estresse, para a competitividade, para o temor e para a falta de comprometimento, a segregação ao idoso acaba sendo um caminho determinado como “natural”. Porém, aos poucos, dentro dessa maquinaria aflita em que se constituem nossos seres sociais, algumas formas de “tornar visível” o que está à margem acabam surgindo. Tanto da parte dos excludentes como dos excluídos. Há os que temem a falta de humanidade e percebem a necessidade de enxergar – e o desejo sempre encontra modos poderosos de movimentar o que se encontra fixado.

José Luiz Ribeiro comenta que “é importante perceber que o avanço da humanidade se faz diante de novos desafios. Assim, seria interessante notar que só o temor constrói. Ele modifica o ser humano, cria novas estratégias e engendra novas soluções para velhos problemas”.⁷⁸

Para criar novas estratégias e soluções sobre a segregação da velhice, devemos antes questionar: onde estão os idosos que estão a nossa volta? Será que damos a devida atenção às suas necessidades? Pensamos com atenção sobre suas trajetórias, suas experiências e importâncias? As políticas públicas que começaram a aparecer, neste momento, são suficientes para suprir as carências dos idosos e estimular essas pessoas a criar e sentirem-se plenas e vitoriosas?

⁷⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

⁷⁸ RIBEIRO, José Luiz. *O teatro na terceira idade*. FLORENTINO, Adilson e TELLES, Narciso. (Orgs.) *Cartografias do Ensino do Teatro*. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 142.

Para responder essas questões, devemos fazer um exercício de alteridade. Não somente ver o outro, mas colocá-lo dentro de nós mesmos e nos situarmos nesse acelerador de partículas que é o nosso tempo atual. É imprescindível, ao lidar com o idoso, “desacelerar” e harmonizar os tempos, a fim de compreendermos mais estes que espelham nossos futuros.

No Grupo Teatro Renascer, soluções e estratégias são criadas, com a intenção de integrar o idoso e promover seu bem-estar e aprendizado teatral. Para o trabalho desenvolvido neste grupo, essa compreensão desejada é conquistada com o constante exercício de harmonização de interesses e pela atenção da equipe de facilitadores com os alunos – que deve estar voltada para um olhar que identifique e selecione o material gerado no grupo, sabendo estimular e explorar as capacidades dos participantes.

Segundo Ribeiro, “o profissional que se destinar a desenvolver um trabalho teatral com um grupo de terceira idade deverá, antes de tudo, saber empinar pipas. Saber medir a força do vento, puxar a linha em pequenos arrancos e liberar, com segurança, para que a pipa voe mais alto.”⁷⁹ E buscando alternativas na cena para explorar as experiências do idoso participante do grupo, voos altos e firmes são alcançados – como exemplificados ao longo da pesquisa.

No teatro para a terceira idade, a reminiscência tem importante papel nesse trabalho. A memória narrativa e a memória corporal encontram destaque não só na produção artística, mas no autoconhecimento e na transmissão desses elementos adiante, criando imagens e relações históricas e sociais do passado. A fala desses idosos – que quase não encontra espaço para diálogos e expressões nesse “mundo líquido” –, encontra no Grupo Teatro Renascer, não só uma equipe atenta a ouvir e compreender, mas um espaço onde se pode reviver momentos passados e construir também novas histórias.

Ribeiro, sobre o trabalho do facilitador num grupo de teatro de terceira idade, afirma que “exige-se do condutor desta tribo uma grande dose de paciência, carisma e senso analítico capaz de criar novas estratégias diante de novas propostas. A carência que envolve o idoso o faz buscar um ouvinte atento e alguém que lhe dedique atenção e afetividade”.⁸⁰

Essas novas propostas surgem a cada processo do grupo, criando um ambiente de troca e experimentação. O ser humano tem a necessidade do lúdico, de imaginar situações e contar histórias. Aladyr Santos Lopes, em seu livro *Jogos Dramáticos*, afirma:

⁷⁹ Idem, 141.

⁸⁰ Idem, 142.

Nenhum de nós deixou de ‘brincar’, de fazer de um cabo de vassoura uma montaria; de um canto, debaixo do móvel, uma cabana ou um palácio; de folhinhas verdes e secas um manjar ou uma sopinha; de um monte de areia com um pauzinho espetado, um bolo de aniversário.⁸¹

Esse passado de liberdade, onde a mente cria realidades dentro da fantasia, é importante para que a criança desenvolva suas capacidades e se coloque diante de situações novas, procurando resolver em seus jogos as suas questões. Na velhice, o lúdico continua tendo importante papel no desenvolvimento de suas potencialidades, promovendo a formação de opinião, o diálogo e o espaço da fantasia. O teatro na terceira idade vem ao encontro de desejos antigos, interrompidos ou deixados pra trás – pelos caminhos da vida.

José Luiz Ribeiro comenta a necessidade de expressão que o idoso cria – mais especificamente, num grupo de teatro:

Um grupo de terceira idade, ao contrário de um grupo jovem, organiza-se com um passado e um campo de aspirações próprio. Ao buscar uma atividade artística em que o suporte é o homem, o aspirante a ator tem desejos recônditos de reencontrar um sonho interdito, viver uma experiência juvenil ou rumar em direção a um mundo mágico que o atrai.⁸²

Apesar de este ser um desejo e uma necessidade do homem, muitas vezes, na terceira idade, esse “mundo mágico” não é tão fácil de ser acessado. Para grande parte da população idosa brasileira, o ingresso neste lugar de segurança, partilha, descobertas e expressão, ainda é desconhecido. E quando um idoso se silencia, a história perde em alguns fragmentos importantes para sua constituição.

Desse modo, é necessário – como afirmou Simone Beauvoir –, quebrar a conspiração do silêncio em torno dessas questões, reivindicar e estar atento a essa parcela numerosa e expressiva de nossa população. *Gratidão*, em seu poema *Cotidiano* (elaborado a partir das aulas de teatro), como num pedido, encerra com versos que ratificam essa importância: “Meus irmãos, nunca esqueçam que o silêncio precisa falar”⁸³.

E quando o idoso encontra em sua voz a afirmação de sua identidade, em contato consigo mesmo se redescobre, alcançando melhorias em sua comunicação, em sua saúde, em

⁸¹ LOPES, Aladyr Santos. *Jogos Dramáticos*. Rio de Janeiro: Plurart Editora: 1982, p. 7

⁸² RIBEIRO, José Luiz. *O teatro na terceira idade*. FLORENTINO, Adilson e TELLES, Narciso. (Orgs.) *Cartografias do Ensino do Teatro*. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 141.

⁸³ Em depoimento pessoal ao autor. 25 de junho de 2012.

sua sensibilidade, em suas percepções e em suas opiniões. São essas as descobertas que também colaboram para a compreensão das vicissitudes da vida, da efemeridade do presente e de um maior entendimento das próprias emoções.

O impacto do ensino do teatro neste grupo se demonstra de forma positiva. Além de ser um espaço terapêutico (característica inseparável do teatro, em qualquer modalidade, por lidar com as emoções e com o humano) que promove melhorias para o idoso, é também um espaço de estudo onde se aprende teatro. Percebemos que esta apreensão às vezes se dá de maneira mais consciente e voltada para o estudo e que, outras vezes, apenas se dá na observação de progressos na maneira de se relacionar e de se conhecer.

De qualquer forma, este contato com o teatro na terceira idade se faz importante ao acessar os repertórios próprios de cada aluno, os relicários preenchidos de memórias e fatos passados – ao reviverem com festa ou ao terem a chance de refletir sobre o que, muitas vezes, é apenas deixado para trás, nas camadas de poeira que o tempo instaura. No Grupo Teatro Renascer, a cena convida a vida e a vida encena a cena.

O trabalho com o Grupo Teatro Renascer certamente me deixará saudades, tamanha a sua grandeza em minha trajetória. Cada momento compartilhado no grupo e cada um desses relatos que estampam as fases da pesquisa, só ratificam a minha satisfação em ter participado deste projeto que se desdobra em tanto conhecimento, experiência e arte.

Concluo aqui, com um depoimento de *Cabeça Grande*, o aluno pensador do grupo – que sempre filosofa sobre a vida de maneira muito divertida:

Onde eu aprendi tudo isso? No Teatro Renascer. Está gravado na minha mente mesmo. Já comentei com muitas e muitas pessoas e vou comentar cada vez mais, sobre esse caso. Porque se eu estivesse em casa, curtindo uma carta, eu ia me classificar como um deslizador de cartas de baralho? Não! Faço uma outra atividade. Eu vivo para o Teatro Renascer, como aqui estou e tenho certeza absoluta, posso dizer: já passou pela minha mão um troféu.⁸⁴

⁸⁴ Em depoimento pessoal ao autor. 4 de abril de 2012.



Momentos registrados em aula – em fotomontagem minha.
Fotografias realizadas e cedidas por Daniele Zamorano.



Momentos registrados na aula-espetáculo *O Grande Passeio* (2011) – em fotomontagem minha. Cenas do *bonde* (em movimento coral), do *passeio da Mocinha* pelo Rio e do *encontro* com o *Velho na porta da Colombo* (personagem da canção carnavalesca *Sassaricando*). Fotogramas retirados de material fílmico realizado e cedido por Renato Ciacci.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é Contemporâneo? e outros ensaios*. Editora Argos, 2002.
- ASTH, Marcelo Azevedo. *Mãos de Fada*. In: TORTIMA, Flávia Iriarte; RIBAS, Daniel Russell (Orgs.) *A Polêmica Vida do Amor*. Rio de Janeiro: Oito e Meio, 2011.
- ASTH, Marcelo Azevedo. *Fragmento*. In: PIGNONE, Lohan Lage (Org.) *Poesia.com*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BEAUVOIR, Simone. *A Velhice*. São Paulo: EDIFEL, 1976.
- BOBBIO, Norberto. *O tempo da memória. De senectute e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- BONFITTO, Matteo. *O ator compositor: as ações físicas como eixo: de Stanislávski a Barba*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordinio. *Labirintos da memória: quem sou?* São Paulo: Paulus, 2008.
- CANTON, Katia. *Tempo e Memória*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- COCCHIARALE, Fernando. *Quem tem medo da arte contemporânea?* Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2006.
- CORREA, Mariele Rodrigues. *Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- COUTINHO, Marina Henriques. *A favela como palco e personagem e o desafio da comunidade-sujeito*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – UNIRIO, 2010.

DEBERT, Guita Grin. *A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade*. In: BARROS, Myriam Moraes Lins. (Org.) *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FERNANDES, Sílvia. *Teatros pós-dramáticos*. In: GUINSBURG, J.; FERNANDES, Silvia (Orgs.). *O Pós-dramático: um conceito operativo?* São Paulo: Perspectiva, 2008.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. *Memória e velhice: do lugar da lembrança*. In: BARROS, Myriam Moraes Lins. (Org.) *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

GUINSBURG, J. e FERNANDES, Silvia. (Orgs.) *O pós-dramático*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

LISPECTOR, Clarice. *O Grande Passeio*. In: *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

LOPES, Aladyr Santos. *Jogos Dramáticos*. Rio de Janeiro: Plurart Editora: 1982.

MACHADO, Laura Mello. *Talento não tem idade: construindo juntos uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: Interior Produções Ltda, 2010.

MEIRELES, Cecília. *Viagem*. In: *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

PEIXOTO, Clarice. *Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade...* In: BARROS, Myriam Moraes Lins. (Org.) *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006

PUPPO, Maria Lúcia de Barros. *Dentro ou fora da escola?* In: *Urdimento Revista de Estudos em Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina*. Florianópolis, v. 1, n.10, dez. 2008.

PUPPO, Maria Lúcia de Barros. *O pós-dramático e a pedagogia teatral* In: GUINSBURG, J.; FERNANDES, Silvia (Orgs.). *O Pós-dramático: um conceito operativo*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

RIBEIRO, José Luiz. *O Teatro na Terceira Idade*. In: FLORENTINO, Adilson e TELLES, Narciso. (Orgs.) *Cartografias do Ensino do Teatro*. Uberlândia: EDUFU, 2009.

SALOMÃO, Waly. *Lábia*. Rio de Janeiro. Rocco, 1998.

SÊNECA, Lúcio Anneo. (Trad.) Lúcia Sá Rebello, Ellen Itanajara Neves Franas, Gabriel Nocchi Macedo. *Sobre a brevidade da vida*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

SOARES, Carmela. *Pedagogia do jogo teatral: uma poética do efêmero: o ensino do teatro na escola pública*. São Paulo: Editora HUCITEC, 2010.

SOARES, Carmela Corrêa. *Teatro Renascer: Diário de Bordo* – Disponível em: <http://www.portalabrace.org/vicongresso/pedagogia/Carmela%20Corr%EAa%20Soares%20-%20Teatro%20Renascer-di%20rio%20de%20bordo.pdf>

SOARES, Carmela. *Teatro Renascer: da pedagogia à poética da cena*. In: *Urdimento. Revista de Estudos em Artes Cênicas*. Universidade do Estado de Santa Catarina. Centro de Artes. Programa de Pós-Graduação em Teatro. Florianópolis, n,17, – número 17, 2011.

STUCCHI, Deborah. *O Curso da vida no contexto da lógica empresarial: juventude, maturidade e produtividade na definição da pré-aposentadoria*. In: BARROS, Myriam Moraes Lins. (Org.) *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

VENANCIO, Beatriz Pinto. *Pequenos Espetáculos da Memória*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

Site pesquisado:

<http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/acervo/artieop/Geral/artigo44.htm>